

AS INTERVENÇÕES POLÍTICAS E OS PATROCÍNIOS PÚBLICOS NOS SALÕES DE ARTES DE FORTALEZA (1950 - 1960).

Anderson de Sousa Silva¹

O recorte temático escolhido para este trabalho foi construído no decorrer de algumas experiências profissionais. No ano de 2009 fizemos parte de uma equipe interdisciplinar, composta por historiadores, sociólogos e pedagogos e pesquisamos a história do Salão de Abril com o intuito de realizar uma exposição histórica do mesmo². Durante o período da pesquisa tivemos contato com as fontes relacionadas ao referido evento, tais como recortes de jornais, principalmente os jornais Unitário e O Povo, catálogos das exposições, entre outros materiais. Interessa destacar que também tivemos a oportunidade de atuar na ação educativa³ da exposição histórica do Salão, ou seja, dialogamos com o público visitante da mostra sobre as reflexões propostas pela mesma. Por meio desse exercício nos deparamos com artistas antigos e os novos, gerações antigas e novas e sentimos os antagonismos nas falas desses indivíduos. Alguns demonstravam nostalgia, defendendo a época da SCAP, outros criticavam a interferência da prefeitura no Salão de Abril. Enfim, foram tais experiências profissionais, tanto a atuação na equipe de pesquisa como na ação educativa, que me despertaram para estudar esse tema.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

² A exposição Histórica do Salão de Abril aconteceu no mês de setembro de 2009 no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB). A mostra foi realizada pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR).

³ Ação educativa da exposição consiste no trabalho de receber o público visitante no espaço expositivo e apresentá-los as principais informações sobre a exposição, como também provocar questionamentos e reflexões sobre a mesma.

A escolha do recorte temporal se configura entre as décadas de 1950 e 1960. O ano de 1953, como ponto de partida é justificado pelo fato de nesse ano o Salão de Abril ainda ser liderado pela SCAP, mas já começa a haver patrocínio por parte da prefeitura⁴. Patrocínio esse que já manifesta certa interferência política no cenário do Salão de Abril. Já o ano de 1964, como sendo o final do nosso recorte é porque a partir dessa data a Prefeitura de Fortaleza, de fato, passa assumir a responsabilidade de realizar as edições do Salão. Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre esses dois períodos, a construção de políticas culturais para as artes plásticas, a relação entre o Salão de Abril, os artistas, e o desenvolvimento cultural de Fortaleza.

Todavia, nossa escolha pela temática em questão é concernente ao interesse de se estudar e pensar sobre os espaços dedicados as exposições, bem como a própria produção artística, não apenas como lugares das artes, mas também como espaços que foram e são testemunhas de um período, que comunicam a respeito de contextos sociais, políticos e culturais.

Os estudos sobre espaços artísticos e sobre os salões de artes, especificamente, são bem recentes, isto pelo fato destes só tomarem proporção a partir do momento que os teóricos da arte passaram a pensar a relação entre a arte e seus espaços de produção e reprodução, como elementos de importância para se compreender contextos sociais que rodeiam a produção artística. (NETO, 2011, p. 59)

Os espaços de produções artísticas, da mesma forma como os museus históricos, podem ser ricos indicadores de múltiplos aspectos atrelados as questões sociais de um lugar. Afinal, o que interessa mostrar? Quem se interessa em expor uma obra de arte? Como esses artistas são escolhidos? E quem terá acesso a essa produção? Essa produção artística possui alguma relação com a realidade da cidade? Por isso, para alcançarmos as finalidades da pesquisa proposta se faz preciso relacionar a história do Salão de Abril,

⁴ O prefeito da época era Paulo Cabral. Ele foi procurado pelo Estrigas (presidente da SCAP) para patrocinar a exposição do Salão de Abril. Paulo Cabral aceitou, contanto que a mostra fosse inaugurada no dia 13 de abril, fazendo parte da programação de comemoração do aniversário do município. No decorrer do artigo, trataremos de forma mais aprofundada sobre esse assunto.

seu início, sua trajetória com a história da própria cidade de Fortaleza, suas transformações, seus projetos de políticas culturais, sua busca pelo moderno e por uma maior visibilidade da sua arte e da sua cultura.

O professor e pesquisador Gilmar de Carvalho ressalta, na apresentação de uma obra sobre o artista Mário Baratta, de autoria do Estrigas, que no início da década de 1940, a necessidade de se construir uma Arte Ceará começava a se disseminar entre os artistas e intelectuais de Fortaleza.

Início dos anos 40. O modernismo chegou tarde às nossas artes plásticas. Na literatura, já se podia falar de Maracajá, em 1929, e de outras manifestações que tentavam ajustar o passo com a Semana de 22, como nacionalismo tenentes, com a denúncia das oligarquias, enfim, com o quadro que resultou na Revolução de 30.

Nas artes plásticas, talvez por uma falta de tradição (ao contrário da literatura, onde contribuímos, nacionalmente com Alencar, Araripe Jr.) e de um mercado, a inda estávamos no pastiche de um certo modernismo de segunda mão. (ESTRIGAS, 2004, p. 07)

Pelas palavras de Carvalho, notamos a preocupação que pairava em relação a criação de uma tradição referente às artes plásticas no Ceará. Era desejado que a cidade fosse reconhecida, nacionalmente, por seus artistas locais, da mesma forma como se fazia com a literatura.

A partir desse contexto, nos remetendo a realidade cearense, cabe questionarmos: o que estava sendo feito para que a arte local fosse vista e reconhecida? Nesse momento é interessante analisar a necessidade de uma maior afirmação da arte local, contextualizando com aspectos e fatores outros pelo qual Fortaleza passava nessa época. Além da questão de Fortaleza já ser reconhecida por sua produção literária, no decorrer das primeiras décadas do século XX, a cidade passou por diversas transformações na sua estrutura urbana. Foi uma busca pela modernidade. E tais transformações, como a própria procura pelo moderno se refletiu na mentalidade e na cultura dos cidadãos. O historiador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, aborda o processo de modernização experienciado por Fortaleza na década de 1940, o mesmo faz um apanhado das diversas mudanças ocorridas na cidade, ao longo de três décadas.

Num arco de tempo relativamente curto (três décadas), um sem número de outras marcas foi gravado nos espaços da cidade: início da iluminação

elétrica em casas comerciais e residências e introdução do bonde elétrico (1913); construção de uma rede de água e esgoto (finalizada em 1926); edificação do Excelsior Hotel – primeiro arranha – céu da cidade (1931); instalação da iluminação pública elétrica, em substituição ao antigo sistema à base de gás hidrogênio carbonado (1934 – 35); inauguração da rede de telefonia automática (1938); construção dos três grandes cinemas da capital – Majestic Palace (1917); Cine Moderno (1921); Cine Diogo (1940). A todos esses melhoramentos na estrutura funcional de Fortaleza, vieram somar-se outros fatores que modificariam sobremaneira o ritmo e as dimensões da cidade. (SILVA FILHO, 2002, p. 116)

As inovações tecnológicas que chegaram até a cidade de Fortaleza, provocaram, certamente, alterações no que diz respeito a cultura, aos costumes, aos valores sociais, aos gostos, ao consumo. E quando pensamos em consumo, não se restringe apenas a adquirir objetos materiais, mas o consumo cultural também. A construção dos cinemas, por exemplo, através do contato com produções cinematográficas internacionais, coloca em evidência essa tendência para uma transformação não só âmbito urbano e arquitetônico da cidade, mas como nas esferas social e cultural e das mentalidades.

O primeiro Salão de Abril data do ano de 1943. Foi realizado pela União Estadual de Estudantes (UEE). É interessante ressaltar que a UEE criou o Salão de Abril, tanto para que os artistas mostrassem suas obras, como também por uma questão social. Esse evento cultural foi utilizado como instrumento de manifestação de sentimentos, posicionamentos em relação a realidade que permeava a cidade de Fortaleza no período em questão.

Como manifestação da sua preocupação com a cultura, e chamando os artistas para tornar pública a sua produção estética, a UEE criou também como fonte de influência junto ao meio social, um salão de arte: O Salão de Abril. (ESTRIGAS, 2009, p. 27)

A primeira edição do Salão teve a presença de artistas pertinentes no que se refere a arte cearense, como por exemplo, Raimundo Cela, Antônio Bandeira, Mário Baratta, Aldemir Martins, Jean Pierre Chabloz, entre outros. Todos esses artistas tiveram certa participação não somente no plano artístico local, como também no plano nacional e até mesmo internacional⁵.

⁵ Para saber com mais detalhes desses artistas que participaram da primeira edição do Salão de Abril, cf. ROLIM, Hebert (org.). **Salão de Abril 1980 – 2009: de Casa para o Mundo do Mundo para Casa**. Lumiar Comunicação e Consultoria: Fortaleza, 2010.

A nona edição do evento que ocorreu no ano de 1953, já apresentou a participação da Prefeitura como patrocinadora. A SCAP nesse mesmo ano estava sob a presidência de Nilo de Brito Firmeza (Estrigas), e este fez suas articulações, para que o então prefeito, Paulo Cabral, colaborasse para a realização do Salão.

Em 1953, a SCAP, contava com um bom trunfo. Paulo Cabral, amigo de todos nós, jovem de mente esclarecida, tinha sido eleito prefeito de Fortaleza. A ele fomos e resultou daí um acordo pelo qual a Prefeitura patrocinaria os prêmios e a montagem do Salão. Em troca, o mesmo seria aberto no dia treze de abril, dia do município, fazendo parte das comemorações oficiais da Prefeitura. Ainda por interferência do mesmo Paulo Cabral consegue-se o local para a mostra, que foi a sala térrea do prédio novo da Sul América Capitalização, bem junto à Praça do Ferreira (ESTRIGAS, 2009, p. 84)

A citação mostra que o prefeito da época, Paulo Cabral, concordou em apoiar o Salão de Abril, patrocinando a montagem e a premiação dos artistas, porém, propôs que a realização da nona edição do evento fosse inaugurada dia treze de abril, para compor parte da programação das festividades do aniversário da cidade. A partir dessa questão podemos entender que o Salão de Abril já estava sendo visado pelos políticos como um evento importante para a visibilidade da arte e da cultura da cidade. Pois além de Paulo Cabral ter patrocinado a edição do Salão, o mesmo também teve a iniciativa de fazer tramitar um projeto de lei na Câmara dos vereadores, a fim de barganhar uma garantia de liberação de recursos para as edições anuais do Salão de Abril.

Por iniciativa do Prefeito Municipal vai a Edilidade instituir os “Prêmios Município de Fortaleza” para o “Salão de Abril”, certame artístico que a Sociedade Cearense de Artes Plásticas promove anualmente em nossa capital com a colaboração dos pintores e escultores não só do Ceará, mas de outros Estados vizinhos. Nesse sentido o Sr. Paulo Cabral de Araújo enviou a Câmara uma mensagem, acompanhada de um projeto de lei o qual foi levado ao conhecimento dos vereadores, na sessão de ontem daquele legislativo, cujos trabalhos foram presididos pelo Sr. Francisco Cordeiro, tendo como secretário o Sr. Paula Holanda.

De acordo com o instituído projeto, ficam instituídos dois prêmios anuais de 3 mil cruzeiros para os dois melhores trabalhos apresentados por ocasião da notável exposição que anualmente a SCAP promove, além de 4 mil cruzeiros como auxílio para instalação do certame. Considerado objeto de deliberação, o projeto do Prefeito Municipal foi encaminhado à Comissão de Finanças. (Projeto do prefeito à câmara – A sessão. **Unitário**. Fortaleza, 7 de abril de 1953. p. ?)

Por meio dessa matéria de jornal percebemos que foi criado um projeto de lei com a finalidade de regulamentar o auxílio financeiro da Prefeitura com relação as

edições do Salão de Abril. É interessante pensar nas motivações que impulsionaram o prefeito a tomar essa postura. Será que ele era um indivíduo apreciador da arte? Será que ele acreditava na importância do desenvolvimento das iniciativas artísticas e culturais de Fortaleza? Outra questão a se refletir, é que a iniciativa do prefeito em apoiar a realização de um tradicional evento da cidade, poderia fazer, conseqüentemente, com que seu nome fosse visto com bom grado pelos artistas e intelectuais envolvidos nesse meio, valorizando, dessa forma, sua gestão e marcando seu nome da história da arte local.

Não podemos esquecer que por trás do posicionamento do prefeito da cidade em apoiar o Salão de Abril, havia um indivíduo que se articulou pra isso acontecesse. Convém analisar a participação e o envolvimento do Estrigas com o Salão de Abril. Em entrevista com Gilmar de Carvalho, Estrigas relata:

eu tenho um envolvimento muito grande com o Salão de Abril. Eu participei do Salão de Abril em todos os níveis, de salão e de atuação. Participei como aluno do curso livre de desenho e pintura, participei concorrendo ao salão, participei como presidente da SCAP que organizava o salão, participei de sala especial, participei de júri, participei em todas as realizações. Eu tenho um envolvimento afetivo com o Salão de Abril muito grande. (CARVALHO, 2009, p. 28)

Através desse relato percebemos que o Salão de Abril tinha um valor afetivo para Estrigas. O mesmo teve toda uma vivência, uma trajetória desenhada na trajetória desse evento cultural. Para Estrigas o Salão era muito mais que um lugar de expor obras de artes, significava mais do que um local de trabalho. No Salão de Abril, Estrigas se identificava, é como se a história do Salão se entrelaçasse, confundindo-se com sua própria história de vida. Contudo, Estrigas tinha uma intencionalidade ao participar do Salão de Abril “em todos os níveis”. Será que ele se propunha a escrever sua história na história do Salão de Abril? Será que nele habitou o desejo de ser visto, mencionado, e lembrado como aquele que colaborou intensamente para a afirmação do Salão de Abril na cidade? Além de todas essas indagações expostas, cabe frisar que Estrigas via o Salão de Abril como trabalho relacionado a um projeto pessoal de vida.

Outro material importante de ser analisado são os catálogos do Salão de Abril. O catálogo do ano de 1954, referente a décima edição do evento, traz um texto que

expressa as ideologias das manifestações artísticas, apontando o salão juntamente com a SCAP, como responsáveis para o crescimento de tais ideologias:

A arte é manifestação purificada dos sentimentos humanos. O homem começou a libertar-se do estado bárbaro quando sentiu, dentro de si, os primeiros impulsos artísticos.

Colaborando com essa força de ascensão da mentalidade, estamos tentando, há vários anos, ante a diferença de uns e a ignorância de outros, trazer ao nosso meio um pouco daquilo que o poderia levar acima de si mesmo, levando-lhe a percepção de belezas eternas que não se apagam com os sentidos.

Estamos no décimo Salão. São dez anos de persistência, de realizações, contra as quais os obstáculos foram imponentes. Não seriam as forças retrógradas, com suas negativas, suficientes para entravar a marcha da evolução na sua pujança renovadora. E assim fomos vencendo. A trilha foi se alargando e hoje é estrada aberta abrangendo espaço maior. Os frutos da compreensão foram surgindo pouco a pouco, integrando esses privilegiados no sentido mais exato de seres humanos. São marcos plantados na história do nosso progresso, no progresso da nossa cultura, na cultura da nossa inteligência.

A SCAP continuará a girar no espaço artístico e será uma partícula do Universo imorredoiro da Arte. (**Catálogo do Salão de Abril**. Edição de 1954)

O texto de apresentação do catálogo da décima edição do Salão de Abril evidencia a trajetória do mesmo, as limitações superadas, e tudo em prol de uma ideologia. As palavras do texto defendem a ideia de que a arte é um canal de manifestações dos sentimentos humanos, e que essa mesma arte pode ser vista como um impulso ao progresso. Isso significa que o Salão, realizados pelos artistas da SCAP foi considerado um dos agentes que trouxe o progresso para a cultura cearense. Interessa refletir sobre lógica de progresso que permeava nas mentalidades dos indivíduos naquela época. Qual foi o progresso propiciado pelo Salão de Abril? Quais as melhoras sentidas na cidade por esse crescimento no que diz respeito as produções artísticas? Será que o Salão, juntamente com a SCAP, colaboraram para o fortalecimento de um sentimento de orgulho local entre os indivíduos cearenses?

A SCAP assumiu a liderança do Salão de Abril até o ano de 1958⁶, ano esse em que findou a SCAP e por conseqüência ocorreu uma pausa nas realizações do Salão.

⁶ Para saber mais detalhes a respeito das edições do Salão de Abril sob o comando da SCAP, cf. ESTRIGAS, Nilo Firmeza. O Salão de Abril. La Barca: Fortaleza, 2009.

Convém pensar nos motivos que ocasionaram o fim do grupo. Será que foi por questões de estrutura, pela falta de recursos?

Foi um belo Salão, com os elementos mais expressivos que, no momento, compunham nosso meio artístico. Foi também o salão despedida da SCAP, pois nenhuma terapêutica apareceu para curar-lhe o mal e salvar-lhe a vida. Barrica, que assumira a presidência da SCAP, ante o auto-afastamento do titular, tentou preservar os bens da mesma que havia sido despejada, colocando seus pertences, parte num sótão da Casa de Thomaz Pompeu, na Rua 24 de Maio, e parte em dependências da UFC. Com o tempo nada restou. (ESTRIGAS, 2009, p.100)

A décima quarta edição do Salão de Abril foi a despedida da SCAP. Ao que parece, o grupo estava passando por dificuldades estruturais para continuar se mantendo e realizando suas atividades, onde uma dessas atividades é o próprio Salão de Abril. Barrica, que foi o presidente da SCAP nessa edição ainda articulou certa movimentação para preservar os materiais do grupo, porém, como destaca a citação, com o decorrer do tempo nada restou.

Esse “nada restou” diz respeito aos pertences da sociedade. Mas se formos refletir sobre as vivências que foram experienciadas pelos componentes da SCAP, certamente muito se permaneceu também. A organização, as produções, as edições do Salão de Abril foram símbolos de conquistas para esses indivíduos. Todavia, cabe termos ciência de que outros aspectos, além da falta de recursos, contribuíram para o fim da SCAP. A própria relação que se configurou entre os artistas pode ter sido um fator que provocou uma crise no grupo.

No final da década, em virtude da necessária intensificação das atividades, da alta do custo de vida, não acompanhado de um respectivo aumento de receita da instituição, tornou-se difícil a manutenção da SCAP e do próprio movimento artístico organizado. A própria ampliação do movimento artístico provocava dispersão nas aspirações e interesses, assim como posições contraditórias diante dos rumos do movimento. E, como ensina Pierre Bourdieu, alguns grupos, quando têm acesso ao reconhecimento e os “lucros simbólicos” vão apenas para um número restrito de participante, esses grupos tendem a entrar em crise. Como veremos mais adiante, essa concentração ocorreu nas premiações do Salão de Abril, ou melhor, no reconhecimento de alguns artistas. Também adverte Bourdieu sobre as diferenças sociais e escolares, notórias na SCAP que reunia operários e universitários, como provocadores de participação desigual nos lucros do capital simbólico e conseqüentemente geradoras de crises. (LIMA, 2008, p. 187)

É reforçado a ideia de que o fator financeiro, o aumento no custo de vida provocou o fim da SCAP. Contudo, são evidenciados outros elementos geradores da crise da organização artística. O fato de a SCAP acolher pessoas de diferentes realidades sociais causou certa distinção entre os membros do grupo. Outra questão importante de ser destacada foram as premiações dos artistas no Salão de Abril, os reconhecimentos, as homenagens. E, se uns foram lembrados, outros foram esquecidos, enquanto alguns receberam aplausos homenagens, outros receberam críticas ou até passaram despercebidos. Lima (2008, p.1987) se apropria do conceito de distinção e do lucro do capital simbólico, do sociólogo Pierre Bourdieu, para analisar as desigualdades entre os artistas da SCAP. Desigualdades essas que são refletidas nas edições do Salão, por meio dos artistas selecionados, premiados e homenageados, como já foi mencionado.

Este efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação a cultura dominante. (BOURDIEU, 1998, p. 11)

No trecho citado o autor discute a cultura que une, comunica, como um mecanismo que também separa, diferencia. Pensando as relações proporcionadas e construídas pela SCAP e pelo Salão de Abril, podemos pensar essa movimentação artística como um campo de múltiplas sociabilidades. No início do presente trabalho foi colocado em pauta que Fortaleza carecia de um movimento que unisse e destacasse seus artistas, para assim se fortalecer a produção cultural da cidade. A SCAP surgiu com tal intencionalidade, de legitimar esse movimento em prol de uma maior comunicação entre os artistas. No entanto, ao nos apropriarmos do conceito de distinção do sociólogo Bourdieu, podemos pensar a SCAP, e conseqüentemente o Salão de Abril, sendo este vinculado aquela, como um instrumento responsável pela aglutinação dos artistas, mas que em contrapartida provocou segregações. Ou seja, a SCAP, atuou no campo artístico da cidade como um espaço que possibilitou uma maior visibilidade no que se refere as produções artísticas da cidade. Isso não impede de ter existido seleções, escolhas, imposições de critérios, enfim, a SCAP também possuiu outra vertente. Uma

arena geradora de tensões, conflitos, tradições e contradições. Um lugar provocador de sentimentos e sociabilidades complexas.

A perspectiva cultura de Fortaleza no início da década de 1960

É importante atentarmos para a situação pelo qual a cidade passava no início da década de 1960, no que respeita aos aspectos artísticos e culturais. Muitos alegaram que ocorreu certa estagnação, e não foi apenas no campo das artes plásticas, mas que em outras manifestações culturais organizadas, também foram perceptíveis certa desarticulação e desmotivação.

Nesse sentido, o campo cultural em Fortaleza no início da década de 60 caracteriza-se pela morosidade. Ou seja, não é possível perceber posições inconciliáveis, lutando por espaços próprios dentro da cultura cearense. Se não chega a ocorrer ausência de produções artísticas, por outro lado, faltam movimentos ou fatos significativos na área. O momento nem de longe lembra a agitação dos anos 50, com o surgimento da Universidade do Ceará, as atuações da Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP e do Grupo CLÃ de Literatura, entre outros. (BARBALHO, 1997, p. 104)

Alexandre Barbalho, em sua dissertação de mestrado, pesquisou a criação da Secretaria de Cultura do Ceará. Para desenvolver tal pesquisa o mesmo fez uma contextualização da situação cultural do estado. A citação acima indica que o início da década de 1960 apresenta um contraste em relação a década anterior. Os movimentos artísticos organizados se faziam ausentes em Fortaleza. Mas afinal, o que pode ter acontecido? Os artistas não produziam mais? Não havia incentivo cultural? E de onde devia vir tal incentivo?

E, a partir desse contexto, convém refletir sobre o lugar das artes plásticas no campo cultural da cidade. O que estava sendo pensado sobre essa situação de esfriamento? Os artistas estavam conformados com a ausência do Salão de Abril e das atividades da SCAP? Barbalho também aborda esse aspecto em seu trabalho.

Nas artes plásticas, vamos encontrar alguns sinais de inconformismo e agitação, na tentativa de retomar o vigoroso movimento dos anos 50. Em fevereiro, um grupo oriundo da SCAP, e tendo como esta referência, cria uma nova organização denominada Seminário de Arte

do Ceará (SAC). Estão à frente do grupo os artistas Zenon Barreto, João Maria Siqueira, Enéas Botelho, entre outros. O SAC tem como planos retomar o Salão de Abril, contando com o apoio da Secretaria de Educação do Município; dar cursos de História da Arte; instalar a “Galeria Permanente de Arte” no escritório de arquitetura STAR, de Enéas Botelho, idéia há muito acalentada pelo arquiteto; trazer conferencistas do sul do país; etc. (BARBALHO, 1997, p. 107)

Percebemos que alguns artistas se mostraram insatisfeitos com a ausência das atividades artísticas da cidade. E como reflexo dessa insatisfação surgiu uma nova organização, o Seminário de Arte do Ceará (SAC)⁷, com a finalidade de se pensar mecanismos para o retorno da efervescência que havia na década de 1950. Interessa destacar que os ideais desses artistas, que estiveram a frente do SAC, além do desejo de retomar as edições do Salão de Abril, foi também a busca pela construção de novos lugares para a expansão das produções culturais. Foi colocado a importância dos cursos sobre História da Arte, a criação de uma Galeria de Arte permanente. Todos esses anseios comunicam que havia uma preocupação com a questão da formação em artes, do conhecimento na área. Era preciso lugares para as exposições, mas em contrapartida era necessário incentivar a formação dos artistas como uma forma de conscientização da valorização das tradições artísticas. Outra questão de considerável relevância é para o fato dos artistas contarem com o apoio da Secretaria de Educação do Município para o retorno do Salão de Abril. Mais uma vez a Prefeitura se mostra disposta a colaborar com o Salão. Através de tal contribuição por parte do município, cabe analisar as ações de cunho político que se configuram na história do Salão de Abril.

Após as conversas, articulações, movimentações e inquietações, o Salão de Abril retorna, e dessa vez com maior apoio político, pois a Prefeitura Municipal passa a se responsabilizar pelas edições do Salão.

Coube a Zenon Barreto dar o toque final e decisivo, para que tal acontecesse. Com Ernando Uchoa à frente da Secretaria de Educação

⁷ O Seminário de Arte do Ceará (SAC), conforme o trecho acima citado, consistiu em um grupo que tinha por principal propósito pensar em novos espaços artísticos em Fortaleza, especificamente no que era concernente as artes plásticas. Não temos conhecimento mais aprofundado à respeito desse movimento, haja vista que tivemos acesso a nenhuma documentação e bibliografia que abordasse mais sobre a ação do grupo.

e Cultura do Município, em 1964, o Salão de Abril reconquista seu espaço e sua missão de mostrar nossa arte e nossos artistas.

Cumpriria, assim, a Prefeitura Municipal de Fortaleza, o resgate de sua omissão com a arte quando, após a gestão de Paulo Cabral, como prefeito de Fortaleza, não mais destinou verba para o Salão de Abril o que o prejudicou sensivelmente e a própria SCAP. (ESTRIGAS, 2009, p. 103)

No ano de 1964 o Salão de Abril retoma suas atividades, e segundo o relato acima, reconquista seu lugar e sua missão em divulgar a arte cearense. De todo modo, é interessante ressaltar a interferência da Prefeitura nesse retorno. No mesmo relato, Estrigas afirma que a Prefeitura cumpria o resgate de sua omissão, ou seja, havia algum tempo que a mesma não destinava mais recursos para os gastos com o Salão, fator esse que impossibilitou sua continuidade.

Todavia, é interessante refletir sobre o período em que a Prefeitura passou a assumir o Salão de Abril. No ano de 1964, o país começou a viver a Ditadura Militar, e em contrapartida, como a cultura passou a ser vista e pensada? Barbalho (1997, p. 52) relaciona o regime militar como dando prosseguimento aos ideais propagados pelo Estado Novo, na década de 1930, ideais esses de uma cultura nacional, que evidencia a identidade brasileira. E, ao que parece, o Ceará também buscou acompanhar essa mesma ideologia, construindo e intensificando políticas públicas culturais.

Por outro lado, as esferas oficiais começam a assumir cada vez mais espaço. A prefeitura, através da Secretaria de Educação, não só mantém já destacada na área, como anuncia seu esforço para o ano de 1965. E a SEC anuncia que abrirá novos horizontes para a cultura no Ceará, na tentativa de que o Estado passe a figurar ao lado dos grandes centros culturais do país. (BARBALHO, 1997, p. 109)

O trecho acima referencia que tanto a esfera municipal quanto a estadual passaram a investir com mais força na vida cultural, tendo como propósito projetar, com destaque, o Ceará no panorama cultural do Brasil. Vale mencionar o papel da Prefeitura, por meio da Secretaria de Educação, sendo esta a responsável pela volta do Salão de Abril. A partir desse contexto, podemos pensar que o retorno do Salão não foi apenas resultado do desejo dos artistas que se movimentaram com tal intenção, mas houve intencionalidades e interesses políticos relacionados a isso.

A respeito da volta do Salão, no ano de 1964, propriamente falando, convém analisar como esse acontecimento, de considerável relevo para a vida artística da cidade, repercutiu na imprensa. Afinal, o que se falou do ressurgimento do Salão de Abril? O que se esperava de tal evento? Que importância representou para os artistas do Ceará, tanto os mais antigos, como os mais jovens?

Que significado tiveram os famosos Salões de Abril – Mário Baratta, Barrica, Aldemir Martins e Barboza Leite, entre outros participantes. Projeção desses artistas no cenário brasileiro das artes plásticas – A Prefeitura Municipal de Fortaleza e a Universidade do Ceará promovem a restauração do movimento abrilista de 1945 – Zenon, Nearco, Estrigas, Chabloz e outros idealistas ativam os preparativos do próximo Salão de Abril – Formada a Comissão de Julgamento e Seleção dos trabalhos – Objetivos desse certame artístico. (NASCIMENTO. F.S. Artistas Plásticos do Ceará reorganizam o Salão de Abril. **O Povo**. Fortaleza, 14 e 15 de março de 1964. p. 15)

Através desse fragmento da matéria citada, notamos que a imprensa menciona a importância das exposições do Salão de Abril, para uma maior legitimação dos artistas locais, em âmbito nacional. E mais uma vez o nome da Prefeitura é mencionado, por promover a reabertura do movimento “abrilista”. Contudo, a Universidade do Ceará também é citada como responsável pelo evento. Quais seriam as razões dessa parceria? Será que dois públicos juntos tinham mais forças, conseguiriam atingir seus ideais em comum com mais êxito? Dando continuidade a abordagem da imprensa local, analisamos uma matéria que expõe a participação do Município e sua contribuição para a história do Salão de Abril.

Na administração de Paulo Cabral essas mostras coletivas e públicas passaram a ter a denominação de “Salão Municipal de Abril”, tendo esse período se revestido de uma animação somente equiparável ao entusiasmo dominante nos primeiros Salões. Daquela época a esta parte, nenhum prefeito procurou prestigiar esse empreendimento artístico anual, permanecendo esse clima de desprezo e completa indiferença aos nossos artistas plásticos até bem pouco, quando a Universidade do Ceará resolveu tomar a si a tarefa de reabilitar todos esses valores dispersos, procurando, congregá-los sob o teto do seu Museu de Arte. Agora, na administração do general Murilo Borges, o Sr. Secretario Municipal da Educação e Cultura, se propôs reativar esse movimento cultural e artístico, conciliando a reorganização do Salão de Abril a artistas plásticos da expressão de Zenon Barreto e Nearco Araújo, nomes que se afirmam pela soma de serviços já

prestados a arte em nosso Estado. (Apoio do Município. **O Povo**. Fortaleza, 14 e 15 de março de 1964. p. 15)

Notamos que a matéria destacada fez um apanhado do apoio que a Prefeitura destinava ao Salão de Abril, durante o período da gestão de Paulo Cabral, como também da importância desse mesmo apoio para o entusiasmo que permeou nas primeiras edições. E, novamente foi ressaltado o trabalho conjunto entre a Prefeitura, através da Secretaria de Educação e Cultura com a Universidade do Ceará. O interessante é que o fato da Prefeitura retomar essa política de patrocinar os Salões foi visto como uma reparação ao descaso que houve anteriormente, quando os prefeitos, sucessores de Paulo Cabral, passaram a não colaborar mais com o Salão.

Em síntese, nosso trabalho teve como principal propósito perceber os significados que o Salão de Abril foi adquirindo no decorrer da sua trajetória, como a inserção das intervenções políticas sofridas por meio dos patrocínios públicos. Será que o Salão de Abril se tornou um espaço de uma arte publicamente institucionalizada? Certamente não conseguimos abranger todas as questões envolvidas, possivelmente notaremos lacunas a serem preenchidas. Contudo, esperamos ter abordado os pontos primordiais no qual nos propusemos trabalhar, sempre buscando amadurecimento e experiência para que em oportunidades próximas possamos devolver com mais propriedade nossas pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. 8º Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AZEVEDO. Rubens de. **Memórias de um caçador de estrelas**. Fortaleza: Casa José de Alencar UFC, 1996.

BARBALHO. Alexandre Almeida. **Relações entre Estado e Cultura no Brasil: A Secretaria de Cultura do Ceará (1966 – 1978)**. Fortaleza: Departamento de Ciências Sociais da UFC, 1997.

BOURDIEU. Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

BRITO NETO, José Bezerra de. **“Educar para o belo”**: Arte e política nos Salões de Belas Artes de Pernambuco 1929 – 1945. Recife: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura Regional – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, 2011.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARVALHO, Gilmar de. **A Grande Arte de Estrigas: Memória Crítica/Entrevistas**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

CAVALCANTE, Ana Maria Tavares; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (orgs). **Oitocentos: Arte Brasileira do Império à Primeira República**. Rio de Janeiro: EBA – UFRJ/Dezenovevinte, 2008.

COUTO, Maria de Fátima Morethy. **Por uma Vanguarda Nacional: A Crítica brasileira em busca de uma identidade artística (1940 – 1960)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

ESTRIGAS, Nilo Firmeza. **Arte Ceará: Mário Baratta: O líder da renovação**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Ceará, 2004.

_____. **Arte na Dimensão do Momento: (registros) 1951 – 1971**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1997.

_____. **O Salão de Abril: 1943 – 2009. 2º Edição**. Fortaleza: La Barca Editora, 2009.

LEHMKUHL, Luciene. **Os modernistas da Ilha: Obras e exposições de artistas plásticos de Florianópolis** IN: COLLAÇO, Vera; FLORES, Maria Bernadete Ramos; LEHMKUHL, Luciene. (orgs). **A Casa do Baile: Estética e modernidade em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

LIMA, Roberto Galvão. **A Escola Invisível: Artes Plásticas em Fortaleza 1928 – 1958**. Fortaleza: Quadricolor Editora, 2008.

LUZ, Angela Ancora da. **Salões Oficiais de Artes no Brasil – Um tema em questão**. Rio de Janeiro: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFRJ, 2006.

ROLIM, Hebert (org). **Salão de Abril 1980 – 2009: De Casa para o Mundo do Mundo para Casa**. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **As Barbas do Imperador**: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Campanha das Letras, 1998.

SILVA FILHO. Antonio Luiz Macêdo e. **Paisagens do Consumo**: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL